

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 12.

AGRICULTURA (*).

Pelo que toca ás *propriedades phisicas* do terreno, certo que não é estranho a nossos leitores, que ha terras mais *pezadas*, mais *fortes*, mais *pegajozas*, mais *humidas*, que outras; bem como que as propriedades, que as caracterizam desta ou d'aquella sorte, influem immensamente e por diverso modo sobre o desenvolvimento da vegetação, sobre a escolha das culturas, que se devem adoptar com preferencia, em fim sobre a economia dos serviços agricolas. E com effeito, como vir no conhecimento se este ou aquelle solo offerece a humidade precisa para o consumo das plantas, sem que o agricultor tenha estudado precedentemente a sua *frescura media* nas diversas estações do anno? Como resolver, pelo lado economico, a importante questão de producção vegetal, sem ter alguma ideia do grão de consistencia do solo, e consequentemente da difficuldade do cultivo? Quem não vê, que taes circumstancias economicas podem combinar-se, que façam com que uma terra forte, e de custoso amanho não possa cultivar-se sem perda, ao passo que um chão delgado e de tenue producção, mas de facil fabrico, dê bons resultados?

Não ha duvida; o estudo das propriedades phisicas deve ser tido em alguma conta por todo o agricultor intelligente, e para que o seu merecimento pratico sobresaia,

não é mister encarece-lo, nem excogitar uma ou outra hypothese.

Comecemos pois pela *tenacidade* das terras — propriedade, como dissemos, de tamanha importancia. Nossos agricultores sabem maravilhosamente o que vulgarmente se diz, uma terra mais ou menos forte, tenaz, que é aquella, que ao fabricar-se, apresenta tal ou qual resistencia aos instrumentos agricolas, e demanda por isso maiores esforços e despezas. Para conseguir *aproximadamente* e sem recorrer a processos complicados, o grão de tenacidade de qualquer solo, basta humedecer a terra com uma pouca d'agoa, e formar uma pequena bola entre as palmas das mãos, deixando-a depois secar ao calor do sol ou do lume, para a final a examinar comparativamente, comprimindo-a entre os dedos: se o terreno é delgado, areento, extremamente saibroso, a bola cede á menor pressão, e ás vezes desfaz-se espontaneamente em virtude do proprio pezo; as boas terras lavradas resistem mais ou menos á pressão dos dedos, mas com um certo esforço ou leve toque convertem-se em pó; porém os solos argilozos, fortes ou tenazes, ainda mesmo depois de soffrerem o choque d'algum corpo duro, apenas se quebram em grossos pedaços, que não é possivel pulverisar com os dedos.

(*) Vija-se a pag. 163 deste Jornal.

Se o conhecimento da tenacidade das terras é de grande vantagem no tocante aos solos secos, não é de menos interesse, nas terras húmidas, o estudo da *cohesão* do terreno, e da sua adherencia aos instrumentos agrarios. Já por vezes indicamos os obstáculos immensos que encontra o fabrico de um chão em estações chuvas, mormente se o chão é argiloso. Não apontaremos aqui os meios que se costumam empregar para calcular a consistencia plastica das terras húmidas, e a sua adherencia aos instrumentos da cultura, porque reputamos esses processos pouco adequados para o commum de nossos agricultores. Observaremos tão sómente:

1.º Que em regra, a tenacidade e a adherencia crescem na proporção da argila, que entra na composição das terras.

2.º Que, como as terras argilosas são as que mais avultam em o nosso Districto, claro está quanto interessa ao nosso lavrador estudar attentamente as duas propriedades que mencionamos, e que árede collocamos em primeira ordem.

3.º Que dadas duas superficies, uma de pão, outra de ferro, a adherencia á primeira é sempre maior do que á segunda, isto é, a consistencia plastica é menor no segundo caso, na proporção de um decimo com pequena differença; d'onde se vê a superioridade dos instrumentos de ferro em terras húmidas.

4.º Que não ha nada mais efficaz para diminuir a cohezão do terreno, do que são os gèlos, o que procede do augmento de volume da agoa congelada, que faz desunir e separar as particulas da terra. Já daqui se infere, que a diminuição da cohezão não pôde effectuar-se sem que o solo esteja húmido no momento em que o thermometro desce abaixo de zero, e que de necessidade ha de haver intima relação entre o effeito das geadas, e a facultade de reter a agoa, que é dada a cada especie de terra: os chãos argilosos pulverizam-se completamente por aquelle meio, os siliciosos não experimentam effeito nenhum. Todavia este alevantamento das terras argilosas, em virtude dos gèlos do inverno, tem ás vezes seus inconvenientes,

se a terra por exemplo está de pão, e o degèlo é acompanhado de chuvas grossas e torrentes, que fazem então grave damno, levando consigo as plantas desarraigadas conjunctamente com a terra que ficou no ar, e sem consistencia. Este accidente não é raro no nosso paiz.

5.º Que tambem se pôde fazer diminuir a cohesão do terreno, queimando-o — *ecobuage* — porque se elle é argiloso, a argila modifica-se pela maior parte, e apenas a porção que escapa ao fogo, fica contribuindo para a tenacidade e cohezão do solo.

Passemos a outra propriedade.

Algumas terras são consideravelmente mais *hygroscopicas* do que outras — isto é, depois de humedecidas, reteem maior quantidade d'agoa entre suas moleculas, sem a deixar escapar. Os solos abundantes em areia, são os que reteem menos a agoa; — os argilosos reteem tanta mais, quanto menor porção de areia contem; — entre tanto a terra húmida ou terrugem é, depois da magnezia, a que reteem a agoa em maior abundancia, e eis a razão porque os chãos muito estrumados com adubos vegetaes e animaes são em regra mais *hygroscopicos*, do que os de igual natureza, que não levaram estrume. É evidente que aquella propriedade pôde ser de grande utilidade, ou prejudicial, conforme as circumstancias locais: n'um clima húmido, por exemplo, o terreno *hygroscopico* em excesso de ordinario é de má qualidade; *viceversa*, em climas oppostos as terras que mais agoas reteem, são as mais estimadas.

Todavia a propriedade de que fallamos não se deve confundir com outra mui diversa, e por certo mais interessante — a *frescura* da terra. Pôde um chão deixar de ser fresco, ainda que demasiadamente *hygroscopico*; assim como pôde ser húmido, posto que retenha pouco a agoa. As terras argilosas muita vez são secas, e mais são bem *hygroscopicas*; e pelo contrario, as saibrozas, as que reteem menos a agoa, são frescas em certas localidades. Depende pois a frescura de qualquer solo, não da respectiva facultade de filtração, mas da disposição e profundidade das camadas permeaveis, do estado meteorologico do paiz, &c. E dizem-se frescos os

terrenos que não são muito húmidos, nem muito secos, e que se conservam por todo o anno em um estado conveniente para que as produções vegetaes não soffram alguma interrupção, por qualquer dos dois extremos — secura, ou humidade excessiva.

A *aptidão das terras para absorver a humidade atmospherica*, é outra propriedade de não menor vantagem, particularmente em estações sequiosas, nas quaes a absorção durante a noite compensa, até certo ponto, a evaporação consideravel que tem lugar de dia. Em quanto a esta propriedade, devemos notar que as terras absorvem mais de noite do que de dia, e que a absorção vai diminuindo á medida que o solo se humedece, até ao ponto em que parece estar saturado. A terra humus é, de todas as substancias, a que absorve mais humidade atmospherica, e por isso se observa que augmenta muito de volume, se a atmosfera está húmida; a argila absorve tambem bastante humidade, e muita mais, se contém pouca areia; porém os chãos arenosos pouco ou nada absorvem, o que os torna secos e aridos.

Além disto, *terras ha, que se secam mais depressa do que outras*, e por via de regra tanto mais quanto menos hygroscopicas são; o que muito importa saber, para beneficiar a umas e outras conforme o grão em que possuem aquella propriedade. Neste particular, os terrenos compostos de areia, siliciosa ou calcarea, são os que mais prestes se secam; a argila, segundo contem menos areia, assim perde menos agoa; entretanto a terrugem é das substancias, onde a agoa se evapora menos, e por isso é util para interter a humidade das terras.

Outro effeito se nota nos terrenos depois de uma longa sêca, ou da continuação de ventos absorventes, e vem a ser — *diminuem mais ou menos de volume*. Daqui procedem as fendas que se abrem no solo, todas as vezes que a quadra se apresenta como dissemos; accidente na realidade funesto para a vegetação: neste caso, as raizes das plantas que se acham na direcção da fenda, quebram-se — ficam expostas ao ardor do sol, e aos ventos — e a pressão que soffrem

as raizes em virtude da contracção da terra, como que as afoga, e faz parar a circulação da seiva. Algumas terras, as arenosas por exemplo, quasi que não diminuem depois de secas; a terra humus perde um quinto do seu volume, e depois desta substancia, a argila é a que mais se contrahe.

Em fim, o *aquecimento das terras occasionado pelo calor dos raios solares* é mais uma propriedade muito importante para o agricultor, em quanto nella está uma das poderosas causas, que concorrem para a actividade da vegetação.

Aqui deve ter-se em consideração:

1.º *A côr da superficie do solo*, que é a que faz variar mais a dôse de calor absorvida pelo mesmo, a ponto de se observar uma differença quasi constante de sete a oito grãos thermometricos entre as terras de côr branca, e as de côr preta: os terrenos brancos reflectem o calorico e são frios; os pretos ou escuros absorvem-no e são quentes. É por esta razão que em algumas localidades costumam lançar cinza ou terra preta sobre a neve, quando se pertende accelerar o seu derretimento.

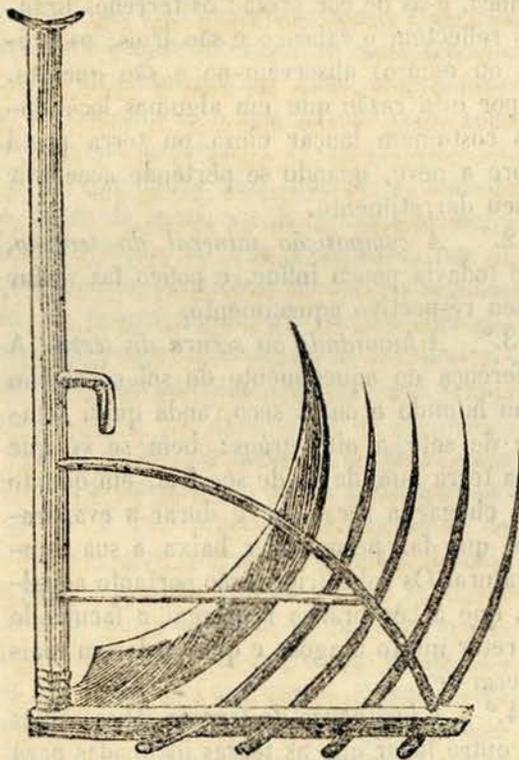
2.º *A composição mineral do terreno*, que todavia pouco influe, e pouco faz variar o seu respectivo aquecimento.

3.º *A humidade ou secura da terra*. A differença do aquecimento do sol sobre um chão húmido e outro seco, anda quasi sempre de sete a oito grãos: bem se vê que uma terra húmida ha de ser fria, em quanto não chegar a secar-se, e durar a evaporação, que faz permanecer baixa a sua temperatura. Os solos frios serão portanto aquelles, que á côr branca reunirem a faculdade de reter muito a agoa, e que tardarem mais a secar-se.

4.º *A inclinação do terreno*. Disseramos em outro logar que as terras inclinadas para o meio dia correspondem a uma latitude mais meridional, sendo esta uma das causas porque o nosso paiz montuoso é tão proprio para a produção de excellentes vinhos. O sol aquece tanto mais o terreno, quanto mais a prumo seus raios caem sobre elle. Em theze, a melhor exposição é a do meio dia: de inverno, recebe directamente os raios so-

lares por todo o dia; de verão, caem-lhe obliquamente por muito tempo, não lhe dá o sol logo de manhã, nem de tarde depois de certas horas; e finalmente, nos terrenos assim expostos, o calor augmenta e diminue progressivamente e com regularidade, o que não succede nas exposições de nascente e poente. No entanto, as terras expostas ao norte a pesar de não gozarem, como est'outras, daquellas vantagens calorificas, são comtudo mais convenientes para algumas plantas, muito principalmente em climas muito quentes: além de que os vegetaes correm alli menos risco durante a fuzão dos gêlos, que nas exposições septentrionaes se opéra lenta e gradualmente, e com temperaturas mais baixas, do que nas encostas meridionaes.

A. J.



A GADANHA ALEMÃ.

A gadanha simples que serve para ceifar os cereaes e os fenos, é composta de uma folha d'aço, d'alguns pés de comprimento, e de duas ou tres polegadas de largura, fixa-

da na extremidade de um cabo por uma especie de talão ou gancho, e por meio de virolas que os apertam um contra o outro. A gadanha alemã só differe da gadanha simples em que na extremidade do cabo em que está fixada a folha se prega perpendicularmente uma travessa de madeira de 10 ou 12 polegadas de comprimento, e uma de grossura, e sobre esta travessa se seguram igualmente separadas umas e outras, tres ou quatro varetas leves e seccas, ás quaes se faz descrever uma curva analoga á da folha, e cujo comprimento é pouco mais ou meaos de dois terços desta folha. Para tornar mais solido este aparelho, faz-se sobre o cabo, e a um pé de distancia da travessa perpendicular, de que acima se fez menção, um buraco onde se encava outra vareta mais forte que as precedentes, e cuja extremidade se vai encaixar n'outro buraco igualmente feito na parte superior da travessa. Desta maneira a folha da gadanha é acompanhada de uma especie de ancinho que serve a reunir as paveias dos cereaes, á maneira que se vão cortando, e a deposita-las juntas no chão, onde d'outra sorte ficariam espalhadas. Em alguns paizes todo este aparelho é de ferro.

A postura do ceifeiro, segundo o preceito de Duhamel, é um artigo mui importante: quando se ceifam os prados, diz elle, o segador caminha e traça duas linhas parallelas com seus pés, que adianta alternativamente a cada golpe da gadanha. Quando se ceifam os trigos e outros cereaes, o caminho deve ser traçado por uma só linha, porque o ceifeiro deve mover um pé atraz do outro, de modo que em cada golpe de gadanha o pé esquerdo que fica atraz, substitua a posição do pé direito que marcha adiante; por uma maneira muito semelhante áquella que se observe na postura dos que jogam o florete. Este modo de mudar os pés é indispensavel para que o serviço se faça mais expeditamente.

Eis o mecanismo desta operação nos trigos supostos direitos; sendo necessario advertir que o ceifeiro deve ter attenção para se orientar em seu trabalho, de fórma que o vento lhe corra da esquerda, porque então

o trigo se encontra naturalmente inclinado sobre a gadanha, e se pôde cortar mais próximo da terra: a resistencia do vento, por ligeiro que seja, apoia sobre o aparelho o trigo, que acaba de ser cortado, e a ceifa se faz melhor, e mais promptamente.

Quando o vento dá nas costas do segador, não serve d'obstaculo para segar-se junto, mas o pão não pôde ser tão exactamente reunido nos linhoes, ou baranhos (1), espalham-se algumas espigas, e a gadanha lançada sobre o trigo que ainda está em pé, perde seu apoio, e torna a operação do que ha de junta-lo mais difficil, mais lenta, e occasiona mais perda de espigas na terra.

O vento pela frente não presta vantagem alguma, pelo contrario dá occasião á perda de palha, e uma grande dispersão de espigas.

Finalmente o vento da direita é o peor: a palha fica alta, e a terra juncada de uma quantidade de espigas tão prodigiosa, que difficilmente se acreditará ter sido colhida.

Quando o pão está curvado, o segador o deve tomar no sentido que lhe apresenta a curvatura da esquerda para a direita, o que produz o mesmo effeito, quer o tempo esteja de calma, quer o vento venha da esquerda.

Quando o pão está de todo acamado, não é facil seza-lo pela parte interior, e o que tem de o ajuntar se encontra continuamente embaraçado pela mistura do molho com o trigo não ceifado: o golpe de vista de um bom segador lançado sobre a seara, o decide sobre o modo de trabalhar, aproveitando o vento que lhe possa ser favoravel. O methodo mais ordinario é o de tomar o trigo no sentido da curva que apresenta, e de o lançar á maneira d'ondas; o serviço é mais regular, não se vê junto do segador resto algum de palha, e o campo se assimelha a um prado. Este systema offerece as seguintes vantagens: 1.º dá mais palha; 2.º a herva no campo ceifado se reproduz e fórma uma excellente pastagem depois da

colheita; 3.º o pasto nos campos ceifados assim são mais faceis de ser apanhados pelo gado.

Querem alguns dizer que o corte da gadanha faz cahir da espiga o grão do trigo, centeio, &c.; porém a experiencia prova o contrario. O ceifeiro com a fouce *ceitoura* é obrigado a apanhar com a mão esquerda uma certa quantidade de espigas, e esta mão serve de centro do espaço circular formado pela baze das espigas que apanha; estende a mão direita armada da *ceitoura*, ou *foucinho*, e fórma um circulo com este instrumento tornando a traze-lo contra si; de sorte que as palhas mais distantes são cortadas mais longe da terra. O golpe da *ceitoura* é desigual, as ultimas espigas são antes quebradas, que cortadas, e algumas arrancadas, por pouco que o obreiro seja inexperto; as espigas soffrem por consequencia um sacudimento, apesar do apoio da mão que as tem reunidas.

Se o serviço se faz com a gadanha alemã, ou *gadanha-ancinho*, o ceifeiro não tem necessidade de quem ajunte a palha, e que o siga. O trigo, ao passo que se corta, inclina-se sobre as varetas, e o mesmo golpe de gadanha o conduz, deita, estende, e arranja sobre o campo do lado opposto áquelle que fica em pé. Deste modo muitos obreiros podem trabalhar conjuntamente; não sendo necessario mais do que o primeiro se adiante algumas passos do segundo; este do terceiro; e assim os de mais, a fim de evitar que a ponta da gadanha chegue ás pernas do visinho.

A gadanha é assim o instrumento mais expedito, o que deita, arranja e estende melhor as espigas sobre a terra, que faz cahir menos grão no campo, e que corta a palha o mais próximo que é possível do chã: quanto mais o trigo é forte, espesso e cerrado, melhor se trabalha. As canas dos cereaes ficam, para assim dizer, perpendiculares, quando o golpe as separa, e se inclinam brandamente sobre os baranhos em razão do pezo da espiga, e do vento que as impelle; o que é uma prova demonstrativa de que o corte da gadanha é rapido, quasi sem sacudimento, o que o *contra-golpe* não

(1) Assim chamam os nossos agricultores ás linhas de herva ceifada, que ficam estendidas nos prados, feitas e arranjadas com o movimento da gadanha sem outro algum auxilio.

é capaz de fazer cahir o grão da espiga. Quanto á palha é ella disposta o melhor possível sobre a terra, uma não excede a outra; e se o que ata os molhos o não faz de uma só vez, é porque não põe a mais ligeira attenção no seu trabalho.

A gadanha alemãa foi já experimentada e mandada pôr em pratica no anno de 1810 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, que fez publicar o seguinte annuncio na Gazeta da mesma Capital do 1.º d'Outubro do dito anno:

« A Academia Real das Sciencias de Lisboa, prompta a promover tudo quanto poder melhorar e facilitar ao cultivador os serviços do campo, com diminuição de trabalho, despesa e tempo; e sem risco da vida do util trabalhador, mandou fazer algumas gadanhas alemãs pelos exemplares que de Saxonia trouxe o seu Socio Joaquim Pedro Fragozo de Sequeira; e mandou fazer prova com as mesmas gadanhas, incumbindo esta commissão ao dito seu Socio. Este, tendo chamado dois soldados alemães do Regimento 7.º do exercito inglez, que sabiam manejar a gadanha, fez com elles uma prova destas nas terras que ficam contiguas ao Hospital inglez da Estrela, prova que se fez em o dia 26 de Julho do presente anno de 1810. Já não restava alli mais trigo para ceifar, senão o de um homem de serviço para a fouce, serviço que um ceifão mal poderia acabar com esta n'um dia. Porém os dois soldados alemães ceifaram este trigo com as gadanhas em tres quartos d'hora. As mesmas gadanhas, em virtude da sua construcção, cortam e apanham a paveia do pão e a lançam de lado com facilidade e perfeição. Bem se vê pois desta prova, o quanto será vantajoso, o adoptar já para o anno que vem este methodo de ceifa em Portugal; visto que o gadanhheiro da gadanha alemãa faz em hora e meia o serviço de um bom homem de fouce por dia. A Academia não teve a satisfação de mandar fazer mais provas, porque as ceifas estavam acabadas, e espera promover no anno que vem as ceifas das gadanhas alemãs para bem do lavrador e do publico. Assistiram a esta prova o Doutor Francisco Manoel de Paula, primeiro Me-

dico do Hospital militar de Lisboa, e Medico da Camara de Sua Alteza Real; João da Costa de Cabedo, Commendador da Ordem de S. Bento d'Aviz, e Chefe d'Esquadra da Armada Real; Florencio Antonio Rademaquer, Official do Conselho da Fazenda; e o Desembargador do Porto, Filippe Nery da Silva, Cosmografo da Comarca d'Evora, que então se achava em Lisboa; assistiram mais o dono da seara, dois trabalhadores de uma eira, praticos no serviço da fouce, e outra pessoa mais, que eu não conheci, e mostrou ter conhecimentos de agricultura; e todas estas pessoas presenciaram a facilidade, perfeição e brevidade com que os ditos soldados executaram a ceifa (posto que um havia annos que não pegava nas gadanhas), desejando muito que este methodo de ceifa se introduzisse em Portugal. Secretaria da Academia, 22 de Setembro de 1810. »

Resta-nos dizer alguma cousa sobre o meio de conhecer as qualidades das folhas da gadanha, sobre que se encontram alguns detalhes no artigo *faux* de M. Dutour (*Cours complet d'agriculture de Détéville*).

As gadanhas apresentam quasi sempre alguns defeitos que provêm da qualidade do aço e do ferro, e da maneira por que são temperadas. Acontece muitas vezes terem tido menos fogo em umas partes do que n'outras; então a tempera não sendo igual, faz com que a folha não tenha a mesma rijeza por toda ella, que uma parte seja mais dura, e outra mais branda. Conhecem-se facilmente estes defeitos passando ligeiramente sobre o gume uma pedra de aguçar: segundo esta pedra morde mais ou menos, se vê se o fio é bem igual, se é mais duro n'umas que n'outras partes, ou se tem a tempera necessaria. Podem conhecer-se igualmente os pedaços duros ou brandos, seja batendo com o fio de uma navalha contra o da gadanha, seja correndo por cima delle uma lima fina; as differentes impressões feitas pela navalha ou pela lima indicarão sufficientemente as desigualdades da tempera: e então se marcarão na folha com um instrumento ponteagudo os logares brandos e duros. Quando se trate de preparar o fio dos primeiros, molhar-se-hão estes com

agoa fria, assim como o martello e a satra, destinados a temperar a gadanha, e se baterão até lhe fazer tomar o fio; a agoa fria dá então á folha uma tempera mais rija; e pelo contrario batem-se em secco os logares mais fortes; porque as pancadas applicadas por esta maneira destemperam um pouco a folha, e a tornam mais macia. Poucas são as pessoas que sabem *picar* bem uma gadanha; e dahi procedem as folhas com gumes desiguaes. É preciso pois bate-las igualmente por todas ellas, e sempre em proporção da qualidade do ferro em que se bate.

O gume da gadanha destinada a cortar hervas fortes como a luzerna e fenos grossos deve ser curto: para as hervas teuras e finas deve ser longo e achatado.

D. A.

OEcophora Olivella.

M. Guérin Menneville apresentou no anno passado na Academia das Sciencias de Paris as suas — *Observações sobre um insecto que acommette as oliveiras no meio dia da França.* Um agricultor muito instruido, M. Blaud de Beaucaire, tinha enviado ao Ministro do Commercio um vaso de azeitonas atacadas por este insecto, e M. Guérin as examinou, e fez curiosas e interessantes observações. As azeitonas estavam furadas por uma pequena lagarta que se introduz no caroço, rói a amendoa, e são no fim do mez de Agosto por um buraquinho ou orificio junto do pedunculo: desce depois á terra por meio d'um fio ou baba, e se metamorphosea em pequena borboleta. Esta lagarta, fazendo o seu buraquinho de saída, faz perecer o pedunculo da azeitona, e esta cáe antes de amadurecer. Logo que chega á terra, a lagarta procura uma folha secca ou algum torrãozinho onde faça o seu cazulo, no qual se metamorphosea em chrizalida dentro de tres dias, e passados mais seis são em borboleta. A este *lepidoptero* é que chamou Duponchel *OEcophora Olivella*.

Felizmente muitos inimigos concorrem para a sua destruição durante o curto espaço de tempo que medeia entre a sua saída

da azeitona e a transformação em chrizalida. Os passaros e formigas lhe declaram guerra de morte, e um pequeno *hymenoptero* lhe põe sobre o corpo grande quantidade de ovos, de que nascem outros insectos que fazem perecer a lagarta, sustentando-se do corpo della. Por essa razão M. Guérin julgou dever dar a este util insecto o nome de *Trigo nogastro benefico*.

O homem deve tambem pôr de sua parte os meios para a extinção da lagarta, e com tanto mais cuidado, quanto não raras vezes ellas fazem perder colheitas inteiras do azeite. Para isso basta que no fim d'Agosto faça cruzar com o arado a terra ao pé de cada oliveira, e ajuntar as folhas caidas nos sulcos, que deverão ter algumas pollegadas de profundidade; as lagartas da *OEcophora* reúnem-se ali em montão, e para destruir um grande numero dellas, e obstar á multiplicação do insecto, será sufficiente queimar estas folhas no principio de Setembro.

D. A.

Mineraes no Districto de Bragança (1).

A parte desta Provincia de Tras-os-Montes, conhecida na actual divisão administrativa pela denominação — Districto de Bragança — considerada na sua extractura physica offerece muito differentes rochas e formações, pertencentes ás grandes series ou divisões geologicas. É assim que o terreno, em que está assentada esta cidade de Bragança, sendo na sua superficie formado pela maior parte de uma terra argilosa, misturada com alguma pouca areia de quartz, e com o *humus* ou terra vegetal, resultado da decomposição dos seres organicos, offerece logo a pequena profundidade, e, em alguns pontos dos suburbios da cidade, até a descoberto, grandes bancos de serpentinas e chlorite; algumas das quaes susceptiveis de tomar um bello polido: o que se experimenta nas

(1) Este artigo é extrahido de uma memoria, a qual já á annos dirigimos a um empresario de Lisboa, que pertendia lavar algumas minas nesta Provincia: foi escripta sem aparato algum, e ao correr da penna, e hoje transcrevemos della com muito pequenas alterações os paragrafos, que tem relação com o titulo deste artigo.

que apparecem detras do Forte, e no campo de Santo Antonio. Tambem se encontram grandes veias e nodulos de steatite, e gis branco e vermelho ao fundo de Ricafé igualmente nos suburbios desta cidade, e em varios outros pontos.

Ao norte da cidade, nos sitios de Caragoza, Soutello, Portello, França, e Avelleda, toma a rocha uma textura schistosa, apresentando os micha-schistos, os schistos novaculares, as ardozias, &c., e logo um pouco mais adiante, na serra de Montezinhos, os bel'os granitos usados nas melhores construcções desta cidade: e para os lados do Paramio, os gnais, e os schistos argilozos, e grandes filões de quartz.

Torna a apparecer a rocha granítica, mas com grão muito mais grosso, e em partes em manifesto estado de decomposição actual para o oest da cidade adiante de Sortes, junto a Santa Comba, &c.

Todas estas rochas pertencem ás formações ditas antigamente primitivas e de transição, e hoje segundo o systema de Lyell, Rochas Plutonicas e Methamorficas.

A est e sudest desta cidade, junto a S. Julião, e entre Miranda e Malhadas apparecem algumas camadas de greda, e outras de argilla, e nos valles da Villariça e Mirandella vemos os terrenos de sedimento ou estratificados; os quaes não podemos deixar de referir ás formações aquozas mais ou menos antigas, e recentes, lacustres, ou fluviaes.

Tambem em varios pontos das margens do Douro achamos os basaltos, e outros productos, que indicam uma origem vulcanica. É em consequencia de tudo isto, que nós avançamos, que o Districto continha mineraes e rochas pertencentes a quasi todas as grandes series, ou formações geologicas. Como porém o nosso fim seja antes technico, do que scientifico, por isso olhando o assumpto antes pelo lado mineralogico, fallaremos sómente daquelles productos que possam ter applicação nas artes.

Além das serpentinas ou dialage, dos schistos novaculares, dos granitos, e stealites de que acima fallamos, temos mesmo proximo a esta cidade, no sitio chamado —

as lamas de Grandais — e a meio caminho do lugar da Avelleda, e junto ao Paramio, e em muitos outros pontos, varias especies de argillas, algumas das quaes poderiam servir para optimas louças, que aliás vem para este Districto de grandes distancias, e até do reino visinho (2).

Apparecem a cada passo as ocras e terras ferruginosas, taes como a hematite, a ocrá amareilla, e a vermelha tão pura que os paizanos pintam com ella os carros e portas; a preta ou terra de colonia, tambem empregada já aqui na pintura das casas, mas que poderia ter mais applicações.

Entre as ardozias optimas, além de outros usos, para cubrir as casas, segundo se pratica nas povoações de Baçal, França, e Avelleda, temos, perto do lugar de Portello, uma especie de côr preta, susceptivel de adquirir algum pulido, e que poderia servir para mesas segundo já experimentámos.

Apparecem os carbonatos calcareos em muitos pontos, sendo aproveitados na construcção e branqueamento das casas, taes são junto a Rebordãos, Val da Porca, S. Pedro no Sitio do Penacal, em Cova de Lua, &c., o destes dois ultimos pontos é propriamente um marmore cinzento, por isso que é susceptivel de tomar um palido muito bello, e muito bem poderia servir para mesas, e outros trastes, segundo se demonstra por um pequeno pedaço trabalhado pelo Sr. Dinne. Tambem aqui se encontra, ainda que em muito menor quantidade, o calcareo stalactitico, e o grés calcareo: e no Vimiozo ha um calcareo sacaroide, optimo para estatuas, vasos, e outros ornatos.

Mais temos bellissimos cristaes de roca, e alguns de grande volume, e muito transparentes, no monte da Corôa junto a Vinhaes, na Avelleda, no Paramio, em Oiteiro, e outras partes. Talco e amianto, em veios na Serpentina que se encontra entre Carrazedo e Alimonde, e em grandes betas, de um macio de seda, susceptivel de ser fiado, e

(2) Para provar a plasticidade e aptidão destas argillas para o fim indicado basta dizer se que as ornamentos que se veem sobre a porta da alfandega desta cidade foram feitas com ellas, e por um curioso: vimos tambem bellissimas imagens de Santos, feitas pelo mesmo auctor e da mesma materia.

tambem com aspecto lenhoso junto a Nossa Senhora de Balcemão entre Moraes e Chacim no monte que chamam da Rodella. No mesmo monte, bem como junto a Soutello, e defronte de Santa Comba a tres leguas desta cidade, se encontra um silex, optimo para pederneiras; e junto á ponte das Carvas nos suburbios desta cidade o silex cornea. Tambem o amianto se acha no Concelho dos Cortiços em grande possança, e muito puro: o nosso amigo, o Sr. Antonio Mauricio Pereira Cabral do Vimieiro, a quem se deve a descoberta do mesmo, teve a lembrança de enviar algumas arrobas para as fabricas de papel da cidade do Porto, mas creio que não puderam fazer a combinação do mesmo com o trapo: mereceria talvez a pena de se tentarem novos ensaios, empregando os outros materiaes de que se costuma fazer o papel.

Proximo a Avelleda encontrámos tambem optima plomabagina, que bem poderia servir para cadinhos e outros usos: acha-se tambem em França nas margens do Sabor, bem que esta é de inferior qualidade; daquella subministrámos uma amostra ao Ex.^{mo} Sr. Visconde de Ervedoza, que fazendo com ella limpar os fogões, e outras peças de ferro coado, nos asseverou depois, que não era ella inferior á Inglesa, que costuma vender-se no commercio em pequenas caixinhas.

De carvão de pedra ha fortes indicios em varios pontos do Districto: sendo além d'outros o apparecimento de schistos tão impregnados de carbonio, que chegam a arder no lume, &c.: e temos um pedacinho de carvão de pedra muito puro, que nos foi dado como pertencendo a este Districto, mas não nos souberam dizer a localidade onde fosse colhido.

São frequentes nas varias rochas os filões, betas, e veios de quartz de diferentes variedades; e nas visinhanças desta cidade, sitio da Trajinha, ha um collarido de um amarello-avermelhado com diferentes maculas, e com as propriedades que constituem o jaspe. Destes veios e betas de quartz, a maior parte são estereis, outros porém acompanham alguns metaes.

Este Districto é talvez de todos os do

Reino o mais abundante em rochas metalíferas. O ferro, metal que apparece formando até montanhas, acha-se tão espalhado, e em tanta copia, que raro será o Concelho onde elle se não encontre: em alguns até as proprias paredes das casas, e dos campos são feitas com esta rocha; devo porém mencionar com particularidade as povoações de Guadramil, França, Montezinhos, Soutello, Campo de Viboras, Moncorvo, Carviças, Moz, &c. As *pyrites* de ferro são muito frequentes; temos exemplares trazidos de Soutello, França, Santulhão, Milhão, Villamean, Avelleda, Junqueira, Parada, Quintanilha, Arguzello, Paçó, Oiteiro, Paradinha, Alimonde, Refoios, &c. Em Malhadas apparece a *pyrites* de ferro e arsenico (*mispickel*). Em Avinhó, Oiteiro, Babe, e Villamean, as *pyrites* de ferro e cobre. Em Campo de Viboras e na Junqueira, o sulfato de ferro, ou caparrosa verde.

Depois do ferro, podemos enumerar o chumbo no estado de sulfureto (*galena* dos mineralogistas) como metal aliás muito frequente neste Districto: possuímos exemplares trazidos de Ventuzello, Villar do Rei, Chacim, Estevaes, Castello Branco, Carrazeda, França, Avelleda, Conlellas, Quintanilha e outros. Em alguns destes pontos era já á muito conhecido, em outros foi descoberto por nós.

O antimonio sulfurado, apparece na serra dos Passos Concelho de Lamas d'Orelhão, em Avinhó, Santulhão, e perto de Oiteiro; este ultimo muito puro, e em grande possança. Temos tambem uma amostrinha de antimonio nativo, que nos foi enviado pelo Sr. Ramires do Vimiozo, não sabemos o seu jazigo, supomos porém que será naquelle Concelho.

O estanho (estanho oxidado, oxido d'estanho, pedra d'estanho) havia noticia de existir em Brinhozinho, Roriz, Luzellos, e Carrazeda, sendo procurado em todos, verificámos a sua existencia só nos dois primeiros pontos: achando muito rica a mina de Brinhozinho, cuja analyse nos mostrou 78 arrateis de optimo estanho por quintal de materia mineral. Esta mina bem como as de chumbo de Ventuzello são hoje propriedade

do Sr. Jacinto Dias Damazio de Lisboa: tem já extensos trabalhos preparatorios, e principiavam a abrir-se as galerias para a lavra, quando o estado de convulção em que se tem achado o paiz, e a interrupção de communicações fez sustar os trabalhos. Temos tambem uma amostra de arcia de estanho, pertencente ao Districto de Villa Real, onde foi descuberta pelo Engenheiro Inglez Forster, que esteve ao serviço do dito Sr. Damazio.

A respeito dos outros metaes, e principalmente dos chamados — metaes nobres — achamos varias tradições entre alguns povos, e noticias escriptas já nos nossos antigos auctores, já nas folhas volantes ultimamente impressas, que provavelmente alli foram bebe-las: não temos porém verificado nenhuma dellas, apesar de algumas diligencias havermos feito com essa mira. Assim a respeito da mina de prata do Paramio, que se acha mencionada pelo nosso insigne Chronista Brandão, na 3.^a parte da Monarchia Lusitana l. 16 pag. 79 v. Lisboa, 1650, e depois d'elle por muitos auctores, como o Doutor J. A. de Sá, Compendio d'Observações pag. 20. Pinkerton, Geographia, art. Portugal. Panorama, vol. 4.^o pag. 150 Revist. Univ. Lisbon. N.^o 27, &c., e da qual existe até tradição no mesmo povo; dada por todos como muito rica, e de grande possança; fizemos bem consideraveis trabalhos de pesquisa, sem outro fructo mais conseguir do que um desangano, descobrindo muitos vestigios de trabalhos anteriores, provavelmente da mesma natureza dos que nós faziamos, pois que não demonstrava o seu aspecto haverem sido trabalhos de lavra: ou tal mina nunca existio, ou o seu jazigo não é precisamente na povoação, segundo indicam a tradição dos habitantes, e a narração dos historiadores.

Muitos outros contos temos ouvido de minas de prata existentes nesta provincia; nada temos podido verificar, e nunca encontramos a prata senão acompanhando o ferro, ou o chumbo nas suas minas respectivas. É assim que podêmos extrahir uma pequena lamina de prata de um mineral de ferro do Concelho d'Oiteiro, que nos foi enviado pelo nosso amigo o Sr. Padre Wenceslau Flo-

rencio de Moraes, assás curioso nestes objectos, e a quem devemos a aquisição de alguns mineraes daquelle Concelho.

Igualmente se encontra alguma prata no mineral de chumbo de Quintanilha, segundo já verificámos; e bem assim no de Chacim, e de Ventuzello descubrio o Doutor J. Bonifacio d'Andrade naquelle 3 e meia onças, e neste 4 oitavas e 42 grãos de prata por quintal de mineral (3).

O ouro não o temos encontrado, nem mesmo acompanhando outros metaes: e posto que lemos, e ha ainda tradição nestes povos, de se haver tirado das arêas do Sabor; no entanto, seria em tão diminuta quantidade, que hoje não conviria tal trabalho. Neste ponto devemos ter presente, que minas antigamente lavradas com proveito, estão hoje abandonadas, por não cubrirem as despezas de lavra, e isto sem que ellas escaceassem na sua producção metalica. As razões podem ver-se na *Histoire Naturelle des mineraux de M. de Buffon, Art., Or.:* e são, para o dizer de passagem, a descuberta das ricas minas da America, o augmento, na quantidade, do ouro lançado no mercado, e por consequencia a diminuição no seu valor relativo: e por outro lado, a carestia do trabalho, ou augmento no custo de producção.

Não temos nós a vaidade de conhecer todas as riquezas mineraes deste Districto, antes é de suppor, que muitas sejam ainda incognitas a nós e a todos; visto que se não tem emprehendido viagens regulares, nem pesquisas methodicas com aquelle fim: a não quereremos contar como taes, os poucos e imperfeitos trabalhos executados pela antiga Intendencia das minas. Para mostra da nossa incuria neste ponto, basta notar, que o unico tratado de mineralogia (que nós sabemos) escripto em Portuguez, e que serve de compendio na Universidade, a obra, aliás muito estimavel, do nosso eximio mestre o Doutor Barjona, não marca um unico jazigo nacional a alguma das tantas especies de que trata: e que possuindo a nossa Universidade umas poucas de collecções de mineraes, já nos

(3) Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1817.

Gabinetes de Historia Natural, já nos de geognosia e metalurgia, não nos recordamos de ter visto nelles mineraes recolhidos no continente do Reino, mas só nas colonias, e no estrangeiro. Em mineralogia e geognosia com relação ao Reino temos tudo por fazer, exceptuando alguns poucos trabalhos avulgos, de grande valia sim, mas que abrangem pequeno espaço, dispersos nas obras da Academia das Sciencias, e nos jornaes nacionaes e estrangeiros: e se um tal estado é pouco honroso para a sciencia em Portugal, e para os governos, que tem presidido aos destinos deste povo; por outro lado, não deixa de ser muito prejudicial ás artes, á industria, e consequentemente á riqueza publica.

Pensamos porém, que nos poucos mineraes, que temos registrado como pertencentes a este paiz, se encontra uma base, e um campo assás amplo para a industria exercer o seu poder. Sem fallarmos na conveniencia publica, e interesses particulares, que poderiam offerecer, por exemplo, as fabricas de louça, em um paiz para onde é trazida com muito custo, e de grandes distancias (do Porto e de Hespanha); sem nos referirmos a varias industrias mineiras, que os marmores, o antimónio, o chumbo, e o estanho, nos estão requerendo; sómente para prova do que avançamos, lembraremos a mineração do ferro, cuja rocha já vimos quanto abundava neste Districto, onde também se encontram os fundentes proprios, e os combustiveis. Em outra occasião temos nós calculado pelos dados estatísticos das alfandegas, do contrabando, &c., que uma ferraria, estabelecida perto do Douro, podia contar com um consumo annual perenne de vinte mil quintaes pelo menos, isto no interior do paiz; restando-lhe a commoda via de transporte — o Douro — para poder também levar seus productos ao Porto, grande centro de muitas industrias, que tem o ferro por materia prima: e note-se, que os preços, que o ferro obtem nesta Provincia andam sempre de 1:200 a 1:800 réis segundo as localidades.

Já este artigo vai longo, e não nos é possível dar a este assumpto o desenvolvi-

mento que pedia: para elle chamamos a attenção dos nossos capitalistas; pensamos, que de uma tal empreza poderiam tirar grandes lucros, e fariam bom serviço ao paiz em geral, e em particular a este Districto, espalhando nelle algum numerario, e desviando alguns capitaes do pernicioso trato da *agiotagem*, que ameaça subverter todas as industrias.

A. F. de M. P.

AVENTURAS DE MISTRESS INGHBALD.

(Traducção).

III.

O ACASO PROVIDENCIAL.

Havia uma semana que *miss Simpson* se alimentava com dois pequenos pães, e agoa, quando um dia, lendo distrahidamente de corrida um cartaz de theatro, topou sua vista com o nomo do actor *Inchbald*. *Miss Simpson* recordou-se então de o ter visto representar em uma villa proxima da sua aldeia, em *Bury-Saint-Edmund*: não tinha d'elle nenhum outro conhecimento, e todavia ferio-a um raio d'esperança. Foi ter com *M. Inchbald*; contou-lhe ingenuamente toda a sua historia, e pediu-lhe conselho sobre o modo de entrar no theatro. *M. Inchbald* tomou o mais vivo interesse por esta joven tão desgraçada, e recommendou-a mui positivamente a um actor de *Dury-Lane*, *M. D.*, seu amigo, que hia dirigir uma companhia de provincia. *M. D.*... julgou superfluo colher informações da aptidão de *miss Simpson*; recebeu-a pelo seguro das apparencias, deo-lhe papeis a estudar, e encarregou-se da sua educação dramatica. Elle assegurou depois que o defeito de pronuncia não era um obstaculo de consideração, e que os esforços o corrigiriam.

Miss Elisabeth julgou-se então salva. Seu protector provia a todas as suas necessidades, e ella não tinha o menor escrupulo de

aceitar os seus serviços, persuadida de que elle se reembolsaria para o futuro dos subsídios que lhe adiantava sobre os lucros, que, como cria, não podia deixar de colher do seu talento como actriz.

Tudo hia pois maravilhosamente, e a nossa joven aventureira, com o seu fatal pendor para illusões douradas, novamente se aplaudia das suas loucas temeridades, quando um aviso severo a veio tirar de seu erro. Bem sabeis que um homem dedicado por officio a divertir o publico offerecendo-lhe a diversidade dos costumes e vicios sociaes, encarados as mais das vezes pela face mais licenciosa, não podia tributar grande respeito a uma rapariga que preferira a vida de vagabunda á vida de familia, e que estouvadamente se tinha entregado á mercê d'homens, que não conhecia. *Miss Simpson*, apesar de suas inconsiderações, tinha, sem duvida, intenções honestas e excellentes; mas no mundo julga-se de melhor vontade sobre as apparencias que sobre os factos, sobre os factos que sobre as intenções, e só a justiça divina pôde calcular o que se passa no fundo dos corações. *M. D.* . . , homem sem delicadeza, havia, para assim dizer, tirado da rua *miss Elisabeth*; não se julgava obrigado para com ella a mais attenções que as que de ordinario se testemunham ás infelizes que tem abjurado as modestas virtudes do seu sexo; e uma tarde, depois da lição, faltou essencialmente ao respeito para com a sua educanda. Esta, indignada, lançou mão d'uma chavena de cha, arremessou-a ao rosto do seu professor, e desapareceu para mais não voltar.

D'aqui foi informar *M. Incbald* do que acabava d'acontecer.

« Porê, minha cara, — lhe diz o actor, — para que vos deixasteis levar a esse movimento de violencia? »

— Porque . . . porque . . . eu não podia articular uma só palavra. Se então me não faltasse a expressão livre, eu lhe diria . . . ; mas, basta repetir-vos, eu não podia fallar; e vós bem comprehendeis que forçoso me era praticar alguma acção, porque, sem isso, elle não acreditaria na minha cólera; ao passo que agora pôde reconhecer a sua illusão. »

Passado o primeiro momento d'indignação, *miss Simpson* derreteo-se em lagrimas, e espavorida exclamou:

« Meu Deos! que ha de agora ser de mim? »

M. Incbald era bom; sentio-se commovido de sua soidão, e de sua dôr.

« Minha cara, — lhe diz elle, — só o hymeneo vos pôde assegurar uma existencia honrosa. »

— Muito bem; mas, quem consentirá em desposar-me? »

— Eu, — responde *M. Incbald*; — talvez porê, não seja do vosso agrado? »

— Pelo contrario, senhor, vós me fariéis um grandioso serviço, e eu vos conservaria por elle um eterno reconhecimento. »

— E . . . amar-me-hiéis vós tambem? » perguntou o actor. »

A joven fitou-o, hesitou alguns instantes, e respondeo:

« Senhor, eu farei tudo o possivel. »

Passados alguns dias, *miss Elisabeth Simpson* chamava-se *mistress Incbald*.

IV.

O REGRESSO PARA A ALDEIA.

Mistress Incbald, convertida em actriz, e lançada em fim neste mundo, onde para brilhar se julgára chamada, estava longe de nelle encontrar a tão sonhada ventura. Depois de casada tinha escripto á sua familia repetidas cartas, mas nenhuma resposta obtivera. Este silencio atormentava-a cruelmente. Te que um dia, cedendo á necessidade de se hir lançar aos pés de seus pais, e implorar seu perdão, partio. Á primeira vista do seu paiz natal, experimentou commoção tão viva, que as lagrimas lhe vieram aos olhos. Tocavam-na ao mesmo tempo a felicidade, e a tristeza, as saudades, e uma inquietação, que tanto mais crescia, quanto ella se aproximava ao termo de sua viagem. Respirava-se nestes logares um ar de repouso e felicidade, que a joven se arrependia agora de não ter sabido apreciar. Ao

atravessar a aldeia examinava com amor tudo o que lhe ficava ao alcance da vista, — os homens, os animaes, as casas, — procurando na memoria atar a sua presente vida á sua vida anterior. Os rostos benevolos, e socegados dos habitantes, que o bruido da carruagem voltava para suas portas, serenavam-lhe a alma. Ao passar dirigio um amigavel cumprimento a alguns d'elles, assaz maravilhados desta urbanidade da parte de uma dama tão bem ataviada, e que elles criam estrangeira. Finalmente, *mistress Inchbald* chegou á casa paterna; vê uma de suas irmãs no pátio, lança-se-lhe ao pescoço, e abraça-a; sua irmã porém não a reconhece d'improviso, e chama-lhe *senhora*. *Mistress Inchbald* declara o seu nome:

«Sou eu, sou Elisabeth, tua irmã; abraça-me pois. Onde está meu pai? onde está minha mãe? guia-me depressa ao pé d'elles.

— Tua mãe! . . . — «responde a irmã;» e seus olhos arrasaram-se de lagrimas.

Mistress Inchbald fica tomada de susto; um horrivel presentimento lhe aperta o coração. Sem mais palavra arroja-se no interior da casa, levando após si sua irmã assombrada: ao pé do fogo está assentado um velho, sustenta a cabeça entre as mãos, tem ar triste e prostrado. É seu pai, seu pai, cujo rosto está murcho mais ainda pela angustia que pelos annos. *Mistress Inchbald* lança-se-lhe aos pés, abraça-lhe os joelhos:

«Oh meu pai, perdoai-me! eu não cessei de vos amar, eu tenho soffrido muito!»

A joven não ousava pronunciar o nome de sua mãe.

O velho fitou-a, meneou a cabeça, e disse com voz grave:

«Deos vos perdõe, *Elisabeth!*»

Depois recahiu na immobilidade de sua attitude excessivamente magoada.

Mistress Inchbald rompeo em soluços. Passado um intervallo de silencio, seu pai replicou:

«Vós já não tendes mãe, a minha dôr vo-lo diz, a tristeza de toda esta casa, e sois vós quem a assassinou.

«Envergonhada de nós, que vos parecemos ignorantes, simples, e grosseiros, abandonasteis-nos; envergonhou-vos a nossa po-

sição; e para nos elevardes acima d'ella, subisteis ao ridiculo d'um theatro, e tornasteis-vos um miseravel ludibrio do povo. Agora somos nós que de vós nos envergonhamos; não vos conhecemos; esta já não é a vossa casa.

«*Elisabeth*, eu vos amaldiçoei junto ao leito de vossa mãe, agonisante com a chaga que lhe rasgasteis no coração. Desejára eu que esta maldição não estivesse escripta no Céu; todavia, eu já vos não posso abençoar. Esquecei que vosso pai vive ainda, e, se podeis, sêde feliz. Adeos.»

O inflexivel ancião levantou-se sem mais nada querer ouvir, e retirou-se a um quarto, onde se conservou encerrado até que sua filha partio, a quem jámais quiz vêr.

Mistress Inchbald tinha sido fulminada e aniquilada pela dôr. Logo que recobrou os sentidos, foi-se arrojar sobre o tumulto de sua mãe; alli chorou e orou por largo espaço; e, na mesma tarde ainda, deixou para sempre a aldeia de *Staning-Field*.

V.

EPILOGO.

Mistress Inchbald perdeu em pouco tempo seu marido, e em 1789 retirou-se do theatro, que só dissabores lhe tinha offerecido. Entrando então n'uma carreira definitivamente mais honrosa, que já por alguns ensaios tinha preludiado, tornou-se um dos escriptores mais espirituosos e fecundos da Inglaterra (*).

(*) Eis aqui a lista de suas obras, pela ordem da composição: 1.º *a Descida do balão*, pequena obra graciosa — 1786; 2.º *Eu vo lo direi*, comedia — 1786, em 8.º; 3.º *a Aparencia é contra elles* — 1786, em 8.º; 4.º *o Filho da natureza*, comedia — 1788, em 8.º; 5.º *a Hora da meia noute* — 1788, em 8.º; 6.º *Assim são as cousas*, comedia — 1788, em 8.º; 7.º *o Homem casado*, comedia — 1789, em 8.º; 8.º *os Visinhos da porta*, comedia — 1791; 9.º *Simple historia*, romance — 1791; 10.º *Cada um tem o seu defeito*, comedia — 1794, em 8.º; 11.º *o Dia das rodas*, comedia — 1794, em 8.º; 12.º *a Natureza e a Arte*, novella — 1796; 13.º *as Viúvas como foram, as Solteiras como são* — 1797; 14.º *o Homem sabio do Oriente* — 1799; 15.º *Casará, ou não casará?* comedia — 1805, em 8.º Além disso *mistress Inchbald* traduzio ou imitou algumas

Mistress Inchbald adquirio por seus trabalhos literarios abastança de commodidades, que se comprazia d'empregar no alivio dos desgraçados, cuja posição lhe recordava seus proprios infortunios. Morreo no 1.º de Agosto de 1821, depois de ter recommendado o seu enterramento segundo os ritos da communhão romana, e legando á Sociedade catholica cincoenta libras esterlinas, para socorro dos pobres velhos.

Mistress Inchbald, apesar da honestidade de costumes, da modestia, da beneficencia, e de todas as outras qualidades de coração e d'alma, que n'ella brilhavam, tinha ligado á sua vida um remorso, que a acompanhou até ao seu ultimo dia. Posto que ricamente dotada pela natureza, jámais pôde ser feliz; e n'uma posição de fortuna e de renome, que muitos lhe poderiam invejar, mais d'uma vez lhe pezou não se haver conservado a simples aldeã de *Staning-Field*.

P. C. F.

FLEURETTE (1).

Fleurette é um termo da lingua Franceza, que significa florzinha, flôr pequena; e no pl. *fleurettes* caricias, mimos, palavras doces e amorosas, lisonjas, ditos galantes, que se dizem a uma mulher: com razão pois, para designar o que nós chamamos *namorar* formaram os Francezes a sua fraze — *conter fleurettes*. — Lêmos em um pequeno livro, um pequenino romance em que se dá a origem desta velha fraze — *conter fleurettes* — e ainda que sua authenticidade corre parelhas com a de muitas outras etymologias

obras de theatro, entre outras: *o Magnetismo animal, o Filho da natureza, o Voto da viuva, os Votos dos amantes*, &c. Em fim, ella deu á luz as tres collecções seguintes: *Comedias representadas nos theatros reaes, com prefacios criticos*, &c. 1806 — 1809, 25 vol. em 12. — *Farças, e outras pequenas obras*, 1809, 7 vol. em 12 e em 18. — *Theatro moderno*, 1809, 10 vol. em 12.

(1) O presente artigo é traduzido pela Esposa de um artista desta Cidade, ao qual neste n.º do Pharol dirigimos duas palavras de louvor: não deveriamos por isso escusar-nos á sua inserção, além de que, bastava o ser producção de uma dama transmontana, e a primeira que se nos apresenta: sirva isto de desculpa aos criticos mais escrupulosos.

(Os RR).

publicadas pelas academias, no entanto, não é sem algum prazer que se lê a pintura simples dos primeiros amores desse rei, cujo nome, só por si, desperta lembranças de nobreza e galanteria, mas que não pôde subtrahir-se á lei geral — a inconstancia e ingratição dos homens. —

Henrique IV. tinha apenas quinze annos quando Carlos IX. veio a Nérac para visitar a côrte de Navarra (2). A pequena demora do rei foi notavel pelos jogos e festas, nos quaes o joven Henrique se mostrou ce'ebre na elegancia, ardor, e agilidade.

Carlos gostava de atirar com arco, apresaram-se a offerecer-lhe este divertimento, e está bem visto, que nenhum dos cortezãos, nem mesmo o duque de Guize, que a todos excedia neste exercicio, teria a imprudencia de se mostrar mais destro que o rei. Chega porém a vez de Henrique (que então chamavam ainda *Henriot*), adianta-se elle, e do primeiro tiro derruba com sua flecha a laranja que servia d'alvo. As leis deste nobre jogo mandam que um segundo alvo seja immediatamente repostos, e que o vencedor atire primeiro; Henrique se aprompta pois a atirar a sua segunda flecha, mas Carlos se oppõe impelindo-o com mau humor; Henrique indignado, recua alguns passos, e estirando seu arco dirige a aguda ponta contra o peito de Carlos: o prudente monarca poz-se bem depreça em seguro atraz do grupo dos cortezãos, e ordenou, que apartassem da sua presença aquelle perigoso priminho.

Todavia não tardaram em fazer as pazes, e o exercicio do arco começou na manhã seguinte, mas Carlos achou um pretexto para não apparecer. Desta vez o duque de Guize logo ao primeiro tiro arrojou a laranja, que se partio em duas; e como não se achasse outra para substitui-la, e o joven principe visse brilhar uma rosa sobre o scio de uma das donzellas, que cercavam a estacada, lança mão della, e corre a coloca-la para servir d'alvo: o duque atira primeiro, porém desta vez sua industria falla; Henrique, que lhe succede, lança sua flecha ao meio da flôr, na qual elle pega galantemente,

(2) Em 1566.

sem a tirar da flecha, que lhe ficou servindo de pé, e corre a entrega-la á linda aldeã.

Uma commoção ingenua, e tocante se pinta sobre as feições encantadoras da joven rapariga. Henrique sente alterar-se a pulsação de seu coração; e um fagueiro olhar se troca rapidamente entre elles.

Voltando ao castello, Henrique sabe, que esta amavel rapariga se chamava Fleurette, e que ella com seu pai, jardineiro do castello, habitava um pequeno pavilhão collocado na extremidade do edificio das cavalariças (3).

Desde então a jardinage torna-se a paixão dominante de Henrique; escolhe um terreno d'algumas toezas nos arredores da fonte de Garena, aonde sabia que Fleurette hia frequentemente; cerca-o de uma ramada, faz plantações, e trabalha com tanto mais ordor, quanto, sendo ajudado pelo pai de Fleurette, tem por dia mil occasiões ou pretextos para vêr esta.

Havia perto de um mez que o sensivel Henrique, e Fleurette se amavam perdidamente, sem bem saber ainda o que queriam, porém conheceram-no uma tarde na fonte.

Fleurette tinha hido ahí um pouco mais tarde; o ar estava puro, o murmurio da fonte, o canto queixoso do rouxinol, o silencio da folhagem, tudo era encantador, e a lua esclarecia com seu reflexo pálido e tocante esta solidão, onde a propria natureza era já um prazer: que se passaria pois esta noite na fonte de Garena, entre o pequeno principe de quinze annos, e a pastora de quatorze? é mais facil imagina-lo que dizelo; o caso é que á volta da fonte Fleurette tinha tomado o braço do principe de Béarn, e que este trazia alegremente á cabeça o cantaro d'agoa. Separaram-se á entrada do parque; um voltou alegre para o castello, a outra chorava entrando na sua modesta habitação.

O pai de Fleurette não fez attenção, que sua filha hia desde este dia mais tarde á fonte, mas o mestre do joven principe, o virtuoso Lagaucherie, notou, que seu real educando tinha sempre um motivo para se

ausentar ao anoitecer, e que por melhor tempo que estivesse, a cópa do seu chapeo vinha sempre molhada. Acordada uma vez sua prudencia, seguiu de longe o joven principe; e sem ser visto chegou a tempo, e a boa distancia para conhecer que já o mal não tinha remedio. Convencido do proverbio, que o amor só fugindo se vence, annunciou ao principe, que no dia seguinte se poriam a caminho para Pau, para dali marcharem á conferencia de Baiona (4).

O instincto da gloria, e talvez tambem o da inconstancia, brotavam já então no coração de Henrique; esta necessidade de uma primeira separação, que pesaroso foi annunciar a Fleurette, achava, sem elle o conhecer, algum alivio no fundo de sua alma; mas como pintar a desesperação da sincera e terna Fleurette, nos ultimos instantes de uma felicidade a ponto de escapar-lhe? ella presentio todos os males do futuro.

«Vós me deixais, Henrique, dizia a sensivel rapariga suffocada por suas lagrimas, «vós me deixais, vós me esquecereis, e não «me resta mais que morrer!» Henrique a socegava, e lhe jurava um amor eterno, que só Fleurette devia desempenhar.

Vêdes esta fonte, «disse ella no momento em que o sino do castello dava ao principe o signal da partida;» ausente, ou presente, vós me achareis sempre aqui!... sempre aqui...

Os quinze mezes que se passaram até á volta de Henrique ao castello d'Agen, tinham desenvolvido na alma do joven principe virtudes incompativeis com a innocencia dos primeiros amores, e as damas do paço de Catharina de Medicis tinham-se encarregado do cuidado de apagar na sua lembrança a imagem da pobre Fleurette. Ella mais afflicta, que surprehendida por uma mudança, da qual sua razão prematura a tinha á longo tempo advertido, não lutou contra a desgraça prevista, nem pensou senão no modo de se lhe subtrahir.

Muitas vezes tinha ella visto o principe passear nos bosques de Garena com madmoizelle de Ayele, não pôde resistir ao desejo

(3) Este pavilhão existia ainda em 1829, e servia a guardar os instrumentos aratorios,

(4) Aonde foi resolvida a matança dos protestantes.

de se apresentar um dia diante de seus passos. A vista de Fleurette, mais bella ainda, pela sua tristeza e palidez, acordou no coração do joven Henrique uma terna, e cruel saudade: correo logo ao outro dia de manhã ao pavilhão, e lhe suplicou de se achar ainda ao menos uma vez na fonte de Garena. «Eu ahi estarei ás oito horas» respondeo a joven sem levantar os olhos; Henrique se separou cheio de esperanças, e olhando a hora que devia trazer-lha, com essa impaciencia, de um primeiro amor, que Fleurette, com doce olhar havia reanimado em seu seio.

Oito horas soam: elle se escapa do castello, atravessa o bosque sombrio do parque, e chega á fonte. Fleurette não se via ahi: espera alguns minutos; o mais ligeiro movimento das folhas faz estremecer seu coração: elle vai, vem, detem-se... quando percebe perto da fonte uma pequena varinha, fixada sobre o sitio mesmo em que tantas vezes se tinha assentado ao pé de Fleurette, era uma flecha; reconhece-a... a rosa já secca lhe está ainda fixada, e tem um papel atado á ponta; pega delle, e procura lê-lo; o dia porém tinha-se extinguido. Palpitante, tremulo, e confuso, vòo ao castello, abre o fatal bilhete... eis o seu conteúdo «eu vos tinha dito, que me acharieis na fonte: nella estou. Talvez passasseis bem perto de mim, voltaí ahi, e procurai melhor... vós já não me amaveis... a não ser isso... meu Deos! perdoai-me!...»

Henrique comprehendeo o sentido cruel deste bilhete; criados munidos de archotes correram logo á fonte de Garena...

O corpo da adoravel aldeã foi tirado do fundo do tanque, e depositado entre as duas arvores, que ainda ahi se veem. Pungentes saudades, e um terrivel remorso foram ao menos a punição de Henrique.

Fleurette foi de todas as damas do príncipe, a unica que o amou sinceramente, a unica que lhe foi fiel. Mas a pobre rapariga não promoveo ministros, não intrigou com os confessores, nem deu á França bastardos ou legitimos; assim a historia não faz menção alguma de Fleurette, e nenhum editor se lembrou ainda de annunciar pomposamente as suas memorias. Comtudo por uma

feliz compensação, a galanteria tomou o lindo nome de Fleurette debaixo de seus auspicios, e se encarregou de perpetuar a graciosa memoria desta linda, e terna rapariga, á qual, o leitor, ou leitora não poderá deixar de tributar uma affectuosa lembrança, eada vez que fór tentado a ter *um namoro*, ou, como dizem os Francezes a — *conter fleurette*.

M. C. F. D.

Um genio d'artista.

Com summo prazer satisfazemos aqui um desejo, que á muito nos assistia — o dirigimos duas palavras de louvor, e fazemos conhecido fóra desta cidade um joven artista, por muitos titulos digno de admiração: queremos fallar do Sr. Agostinho José Lopes Dinne, filho de um Marceneiro desta cidade, e que após da insrueção primaria, não recebeu outra educação artistica mais do que a do officio, que seu Pai exercia. O Sr. Dinne porém, sem cursar estudos regulares, sem frequentar e praticar com os mestres, unicamente pela fôrça do seu genio tem desempenhado obras de grande vulto, com assás de perfeição e facilidade. O mesmo é apresentar-lhe qualquer producto das artes, e dispor-se elle a fazê-lo, que vê-lo logo executado, por complicado e difficil que seja. Eis os factos; e elles fallarão por nós, e pelo artista.

Quiz fazer uma piano — e fez um piano: senão perfectissimo, comtudo melhor do que muitos, que temos visto, vindos de paizes estrangeiros: hoje trabalha em apromptar segundo mais perfeito. Pediram-lhe *obras de talha ou gravura*, e para mostrar de quanto elle é capaz, para revelar os milagres de seu genio, lá estão — o altar e ornatos de uma capella em Arguzello, e outra em Chacim; uma pedra d'armas na villa dos Cortiços, e outra no cemiterio desta cidade; uma imagem de um Santo Christo em meia grandeza natural na Igreja de Carragoza; e as differentes estampas, que tem apparecido neste Jornal (primeira obra sua neste genero de gravura em madeira), e uma vista da cidade de Bragança, que ainda não sahio a publico. A maior parte dos desenhos destas, e outras obras, são tambem feitos pelo Sr. Dinne. A madeira, a pedra, o metal, tudo obedece ao magico poder do seu genio; para elle não ha difficuldades! O que seria o Sr. Dinne se a arte lhe houvera revelado os seus processos, os seus segredos, e todos os meios de que ella dispõe?!...

Em outro paiz o Sr. Dinne teria admiradores, teria protectores, teria riqueza e gloria... gloria para elle, e para a sua patria: em Portugal vive pobre, e desconhecido, ou menosprezado!... *ingrata patria*.